



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 33

Odisseias

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Uma das histórias mais antigas da humanidade, um dos tipos de história que a gente mais gosta de contar, é a história do retorno pra casa. Do herói – ou da heroína – que viaja pra longe, alcança feitos incríveis, vê coisas que nunca tinha imaginado, se mete em encrencas impossíveis e, no fim de tudo isso, volta pra onde tudo começou.

A gente ama esse tipo de história por muitos motivos. Tem a adrenalina da aventura, e o conforto de saber que dá pra voltar pra casa. É um círculo perfeito: você roda, roda, e acaba de novo no aconchego do lar, com o pé pra cima.

Só que as histórias mais realistas desse tipo de trama reconhecem que esse círculo perfeito não existe. O ponto de partida e o ponto de chegada nunca vão coincidir. A sua casa muda. O mundo muda. Você muda. O jeito que você vê o mundo muda também.

Aliás: pra se transformar, você não precisa dar a volta ao mundo. Às vezes é uma volta até a esquina. Ou uma parada no meio do caminho. A primeira odisseia do episódio de hoje quem conta é a Natália Silva.

ATO 1

Natália Silva: Chamar o que eu vou te contar agora de "jornada do herói" é até engraçado. Até é uma jornada do herói, mas ela foi completamente involuntária. A jornada não era pra ser uma jornada. E o herói só queria mesmo chegar em casa. Na minha casa.

Victor Matioli: Oi.

Natália Silva: Oi.

Natália Silva: Que, nessa época, era a casa dele também.

Natália Silva: Tudo bom?

Victor Matioli: Tudo bem e você?

Natália Silva: Tudo bem também. Sua casa nova.

Victor Matioli: É... casa diferente.

Natália Silva: Esse é o Victor Matioli. Meu amigo e ex-namorado.

Natália Silva: Vamos lá então.

Victor Matioli: Vamos lá.

Natália Silva: Vamos lá.

Victor Matioli: Estranho te contar uma história que você já conhece e que você participou dela também, de certa forma, né, então...

Natália Silva: Eu vou complementando o que eu lembro.

Victor Matioli: Bom, a história começa num dia comum de trabalho, eu estava no escritório da empresa...

Natália Silva: Uma empresa de tecnologia. Trabalho normal, nove às seis...

Victor Matioli: Aquela coisa. E a minha chefe apareceu umas quatro e pouco da tarde na minha mesa e falou que ela estava indo embora mais cedo e falando que se eu quisesse embora mais cedo também eu estava liberado e que inclusive ela estava indo de Uber pra casa dela e ela podia me dar uma carona.

Natália Silva: Liberou ele mais cedo do trabalho e ainda ofereceu carona. Perfeito, né?

Victor Matioli: Bom, mas acho importante mencionar que a minha chefe não era uma pessoa muito agradável, assim.

Natália Silva: Isso é um eufemismo. Ela era bem difícil. Daquelas pessoas que quando abrem o microfone na reunião você já fica tenso, esperando que pérola vai vir dali. As possibilidades eram ou lição de moral ou assédio moral, sem nada no meio do caminho.

Victor Matioli: Então uma viagem de Uber de 20 minutos, 30 minutos era o máximo de convivência que eu conseguia ter com ela. Então, assim, era o preço que eu sabia que eu ia ter que pagar para chegar duas horas mais cedo em casa.

Natália Silva: O Victor topou. E me escreveu dizendo: "Tô indo pra casa, chego em meia hora". Eu sou meio ruim de ouvir a minha intuição, mas eu lembro bem de ler essa mensagem e sentir uma coisa ruim. Sabe? Uma coisinha. Mas eu só falei: "Beleza, boa volta, até já".

Victor Matioli: E bom, aí a gente estava dentro do Uber, fazendo nosso trajeto normal. Aí a gente pegou a Marginal Pinheiros...

Natália Silva: Calma, calma, calma.

Natália Silva: Pra quem não é de São Paulo, a Marginal Pinheiros é uma via expressa que fica às margens do rio Pinheiros. Ela sai da zona sul de São Paulo e corta a capital até alcançar outra marginal de outro rio, o Tietê – que leva pra rodovias e tal. O Victor estava vindo da zona sul em direção a zona oeste.

Victor Matioli: Então pra chegar lá, a gente precisava pegar um trecho grande da Marginal Pinheiros, que mesmo nessa hora, que era umas 16h30, perto das 17h00, já estava muito lotada. E tem um, tem um ponto do trajeto em que a gente precisava passar do lado que a gente estava da Marginal Pinheiros, atravessar o rio para o outro lado, em direção ao bairro que eu morava, que era o Butantã. Só que o motorista passou reto. E eu percebi que eu ia ficar preso ali no carro com ela por mais não sei quanto tempo, porque ou o Uber ia ter que dar uma volta gigante pra chegar no bairro, ou eu ia ter que ir com ela até a casa dela e pedir um Uber, não sei, isso foi me deixando ansioso, angustiado.

Natália Silva: E aí, bom, aqui começa a odisseia.

Victor Matioli: Eu falei: "Não, eu acho melhor eu descer do carro e dar um jeito de chegar sozinho na minha casa". E nesse momento eu vi a estação Pinheiros da CPTM.

Natália Silva: CPTM é a companhia que opera os trens de São Paulo. Existem duas estações Pinheiros no mesmo lugar. Uma é de trem e a outra é de metrô, então uma fica em cima da terra e a outra fica embaixo da terra. O Victor viu a estação de trem, mas ele ia pegar o metrô. Só pra não ser imprecisa com o transporte público de São Paulo.

Victor Matioli: E eu sabia que era bem pertinho pra ir da CPTM até a minha casa no Butantã. E aí também, logo depois que a gente passou pela estação Pinheiros, eu vi que tinha um recuo, tipo um acostamento, assim, e aí na hora eu já falei para o Uber: "Cara, por favor, encosta

aqui, eu vou descer e vou pegar o trem aqui na CPTM e eu tô pertinho de casa, tá perfeito, tá ótimo."

Natália Silva: Pra ser justa aqui, a chefe ainda perguntou: "Tem certeza? Não quer que a gente te leve?"

Victor Matioli: E eu falei: "Não, fica tranquila, aqui tá pertinho para mim. Eu desço do Uber, pego o metrô e rapidinho eu tô em casa. Tá ótimo. Muito obrigado pela carona, é isso, até amanhã." Então o que eu tinha que fazer era atravessar a pista local e chegar na calçada onde fica o metrô. Essa era a minha missão. Mas, na minha cabeça, isso ia ser muito simples. Estava tudo geograficamente perto, não tinha motivo de eu não conseguir chegar no metrô.

Natália Silva: No desespero de se livrar da chefe, o Victor desceu do carro no canteiro central da marginal Pinheiros. Eu vou ter que te explicar essa geografia da marginal pra você entender o tamanho da bobagem que o Victor fez. Imagina que você tá vendo do alto. Tem o rio Pinheiros ali à esquerda, depois a estação de trem ali do lado, depois uma pista expressa, depois uma pista local. E cada uma dessas pistas, a expressa e a local, têm 4 faixas.

A "expressa", como diz o nome, é mais rápida. O limite de velocidade é 90 km/h, mas muita gente dirige acima disso quando não tem nenhum radar por perto.

É tipo uma auto-estrada, mesmo. A "local" é "menos expressa", mas é uma semi-auto-estrada, porque o limite de velocidade é de 70 km/h. E não tem faixa de pedestre, não tem semáforo, nada.

O Victor estava dentro do carro na via expressa. E ele viu a passarela da estação de trem em cima dele. A passarela liga a calçada que vem dos bairros – onde tem gente – até a estação, pertinho do rio – por uma passarela, passando por cima de onde ele estava.

Natália Silva: E aí você começou a demorar. E aí você mandou mensagem tipo: "Cara, você não sabe o que aconteceu."

Áudio Victor Matioli: Meu, o Uber da minha chefe pegou um caminho nada a ver, e aí estava, tipo, só indo embora do caminho certo, aí eu descii num lugar muito bosta aqui na marginal e vou dar um jeito de voltar. Mas eu tô meio fodido.

Natália Silva: E aí eu lembro que eu fiquei olhando pra tela do computador, tipo: "Que? Como assim?" Eu não conseguia entender o que você estava falando. Aí você mandou um áudio meio engraçado, tipo: "Ah, eu descii meio desesperado do carro no canteiro central, achando que ia conseguir subir para a estação Pinheiros. E eu estou preso aqui."

Áudio Victor Matioli: Meu, eu tô preso no canteiro central da marginal. Tipo, eu tô entre a expressa e a local... andando, eu achei que ia chegar em algum lugar, uma passarela, alguma coisa. Mas não tem nada! Eu tô preso. Eu tô num lugar onde os seres humanos não deveriam estar.

Natália Silva: Eu ri do áudio, mas eu já consegui visualizar as imagens do Globocop dando a notícia do acidente causado pelo sujeito que tentou atravessar as quatro pistas locais na hora do rush. "Não atravessa!" Eu lembro de mandar essa mensagem. "Pelo amor de deus, não tenta atravessar." A essa altura, já eram umas 5 da tarde. E o Victor tava numa ilha, cercado de carros em alta velocidade por todos os lados.

Victor Matioli: Não tinha como atravessar. Isso ficou evidente. Eu achei que se eu andasse um pouquinho e eu ia encontrar uma passarela ou uma faixa de pedestres, ou um semáforo, sei lá, qualquer tipo de coisa que me deixasse chegar do outro lado.

Natália Silva: Ele andou em uma direção uns 15 minutos... viu que não tinha como sair. Voltou, andou na outra direção... e nada também.

Victor Matioli: Assim, acho que até esse ponto estava engraçado.

Natália Silva: Até ele se tocar que estava preso mesmo.

Victor Matioli: E aí eu pensei assim: "Se não tem como sair de nenhum dos dois lados e não tem como atravessar a pista, o único jeito de eu sair daqui é por onde eu cheguei, que é pelo recuo por esse acostamento". Só que eu estava a pé, então precisava de um carro. E aí eu falei: "Vamos chamar um Uber. É o que vai dar para fazer". Aí eu chamei um Uber, encontrei um carro e o motorista estava, sei lá, a cinco minutos de distância. E aí nesses cinco minutos eu tentei explicar pra ele onde eu estava.

Natália Silva: Porque não era um ponto de parada óbvio. Na frente de um bar, numa esquina, numa estação de trem. Não, era um lugar onde ele não devia tá. Onde não era pra ninguém tá, tipo um buraco negro no mapa viário. Ou um bug no jogo do transporte paulistano.

Victor Matioli: E aí o Uber respondeu: "Beleza, estou indo". E aí eu fui acompanhando ele pelo mapa e conforme ele ia chegando perto, eu percebi que ele estava na pista errada.

Natália Silva: Porque pra entrar no recuo, ele tinha que tá na pista expressa. Do lado da local, não tem recuo. Então, ele teria que parar no meio da pista. Imagina tentar parar no meio de uma marginal em horário de pico pra pegar um passageiro.

Victor Matioli: E eu até tentei mandar uma mensagem pra ele falar: "Cara, tá na pista errada, você tá no local, precisa tá na expressa". Mas ele não respondeu. E depois, sei lá, de um minuto eu só vi o Logan Prata passando assim e falei: "Putz, lá vai meu Uber".

Natália Silva: Sempre um Logan prata.

Victor Matioli: Obviamente era um Logan prata.

Natália Silva: Foi-se o Logan prata. O motorista percebeu que o Victor ficou pra trás e cancelou a corrida.

Victor Matioli: Aí eu já estava com um nível de stress um pouco maior e falei: "Putz, beleza, vamos chamar outro Uber então". Aí eu chamei outro e esse estava mais longe, mas eu não estava em posição de querer cancelar a corrida ou exigir velocidade de nada. E aí nesse cara eu acho que eu cometi um erro muito grave, que foi soar desesperado demais. Eu tentei ser muito descritivo assim de onde eu estava. Eu lembro de ter falado alguma coisa assim: "Amigo, pelo amor de Deus, não cancele essa corrida. Eu estou preso no canteiro central da marginal. O acesso é pela via expressa." E, sei lá, eu estava meio querendo fazer um tom de piada também, eu falei alguma coisa: "Você precisa me salvar. Se você não me ajudar, não vou conseguir sair daqui." Não sei, fui meio catastrófico assim, e aí ele cancelou a corrida também.

E aí, depois disso, nenhum outro Uber me aceitou. Eu não sei se alguém me denunciou, se o algoritmo percebeu que eu estava num lugar inóspito. Eu não sei o que aconteceu. Não sei como funciona o algoritmo do Uber, mas eu não consegui mais nenhuma corrida.

Natália Silva: E eu em casa pensando: "Cadê o Victor?" E mandando mensagem perguntando o que estava acontecendo.

Victor Matioli: E, assim, eu não queria te deixar nervosa também. Eu sabia que eu tava meio... Pode falar palavrão?

Natália Silva: Pode.

Victor Matioli: Eu sabia que eu estava fodido ali, que eu não ia conseguir sair de jeito nenhum, mas eu não queria te deixar nervosa. Eu sabia que eu ia ter que dar um jeito de sair dali. Eu não queria pedir ajuda também, porque eu já estava me sentindo burro e eu não queria envolver outras pessoas na minha burrice, na minha decisão idiota de descer do carro ali.

Natália Silva: Mas aí rolou uma coisa que fez ele pensar: "Não, vou ter que pedir ajuda antes que o pior aconteça".

Victor Matioli: Só que a minha chefe também estava me mandando mensagem. Eu lembro disso.

Natália Silva: Sim, você não queria que ela voltasse.

Victor Matioli: Nem a pau. É isso, é, ela sugeriu, ela sugeriu assim: "Ah, você quer que eu volte para te buscar?" Eu falei: "Não. Não, tô preso, mas tô bem."

Natália Silva: Tá tudo bem. Aí eu lembro que você falou assim: "Ah, por que que eu não te ensinei a dirigir?" E aí eu levei pro pessoal. Aí eu falei: "Não, agora que ele falou isso, eu vou resolver esse problema. Eu tô indo aí de Uber".

Victor Matioli: É, vale mencionar que tinha um carro em casa, só que a Natália não sabe dirigir um carro manual, então...

Natália Silva: No podcast eu vou fazer parecer que eu não sei dirigir carro por um princípio ecológico, não que eu não goste de câmbio manual.

Natália Silva: Ouviu né? Não é preguiça, é preocupação com as emissões de carbono.

Victor Matioli: Aí eu te pedi ajuda e você meio que virou minha última esperança. Só que... como eu tinha tido muita dificuldade de falar para os outros motoristas de Uber, aonde eu estava, qual era a minha localização, eu lembro que eu estava tentando ser o mais descritivo possível assim daquele lugar. Aí eu te mandei uma foto, mandei um print da minha localização no Google Maps pra você ver exatamente onde eu estava. Eu te mandei um áudio também explicando, assim... Nesse áudio dá pra ver claramente que eu estou muito nervoso já. Que eu tô te explicando tipo...

Áudio Victor Matioli: Ná, você tem que avisar o cara que eu tô na expressa, não tô na local. Eu tô do lado do trilho do trem, nessa altura que eu te mostrei tem um bolsão, na expressa! Do lado do rio mesmo. Tá bom? O cara tem que pegar a pista o mais da esquerda possível. Só que daí eu tô do lado direito, eu tô num bolsão do lado direito, só que na pista da esquerda, que é a expressa.

Natália Silva: Talvez ele mesmo tenha percebido que não fazia muito sentido o que ele estava dizendo e foi gravar um vídeo, pra desfazer a confusão entre esquerda e direita.

Victor Matioli: Sei lá, eu já estava bem desesperado nessa hora. E aí eu lembro que eu fui fazer um vídeo melhor, na minha cabeça, a melhor forma de te mostrar onde eu tava exatamente era gravando um vídeo. Aí eu peguei o celular e fui filmando. Aí eu filmei a pista local e eu fui te mostrar que eu estava na frente da subprefeitura de Pinheiros. E aí eu filmei a subprefeitura do outro lado da pista local e fui filmar o canteiro central, que era onde eu estava. Na hora que eu filmei o canteiro central, pela tela do celular, eu vi que tinha um carro parado exatamente onde a minha chefe tinha me deixado. Ali no recuo. E aí, nesse momento eu lembro que eu fiquei desesperado, assim, fechei o celular, não te mandei o vídeo. Aliás, esse vídeo se perdeu, o que é uma coisa muito triste, porque deve ser muito engraçado, porque eu estava olhando pra tela do celular e vi o carro pela tela do celular. Desliguei o celular e saí correndo em direção a ele com toda a minha força.

E aí eu lembro que eu cheguei correndo no carro. Respirando pesado, assim, cansado. E aí tinha um cara no banco da frente, com aquele suporte de celular, mexendo no celular. Então, eu já achei que ele era Uber. Aí eu bati no vidro, ofegante pra caramba, assim, e aí o cara me olhou com uma cara de de pavor, assim. Pânico. Ele olhou pra mim e teve certeza que ele ia ser assaltado.

Como eu estava muito nervoso, eu queria deixar muito claro pra ele que eu não era um assaltante. Então, a primeira coisa que eu disse foi:

"Calma, cara, eu não vou te roubar". O que talvez seja a pior coisa para você falar nessa situação. Porque ele ficou com o dedinho apontado para o celular e travado, olhando pra minha cara, claramente muito nervoso.

Natália Silva: Enquanto isso eu estava na frente de casa, esperando um Uber aceitar a corrida e ouvindo o áudio do Victor várias vezes pra ter certeza que eu tinha entendido onde ele estava.

Victor Matioli: E aí eu comecei a explicar pra ele toda a situação, tentando respirar ao mesmo tempo, falando: "Cara, eu desci do carro da minha chefe, ela me deixou aqui, eu não consigo sair daqui, eu não consigo atravessar para o lado de lá, eu só preciso sair daqui. Você pode, por favor, me tirar daqui? Me leva para qualquer lugar. Eu não sei pra onde você está indo, mas eu vou com você". E aí ele olhou para minha cara e falou: "Não, eu não posso. Estou com passageiro."

E foi nesse momento que eu olhei pra trás e vi que tinha uma mulher e uma criança no banco de trás. E eles estavam com uma cara mais de pânico do que o motorista. E aí eu virei para a moça que estava atrás e falei: "Moça, você se importa se eu pegar uma carona com vocês até qualquer lugar?" Ela só olhou pra minha cara e meio que assentiu assim, balançou a cabeça. E aí eu olhei pra cara do Uber e falei: "E aí, cara? Ela aceitou. Vamos nessa, vambora! Por favor, pelo amor de Deus, eu pago, vambora, eu pago. Tá tudo bem. Sei lá, vamos dar um jeito. Pelo amor de Deus, Me salva! Me tira do canteiro central da marginal, cara. Pelo amor de Deus!" E aí ele falou: "Tá bom, entra aí". A alegria que eu senti nesse momento, sei lá, eu não sei, não sei descrever assim.

Natália Silva: Escuta a alegria.

Áudio Victor Matioli: Mor, consegui! Consegui, mano. E o cara ainda estava vindo pros lado de casa, velho. Ele me largou aqui naquele condomínio de ruinha que a gente vem passear, com a Lupe, sabe? Tô no caminho já. Logo logo tô aí.

Natália Silva: A minha sorte é que demorou muito pra um Uber aceitar a minha corrida, então deu tempo de eu cancelar até o Victor me mandar essa mensagem. Se não ia lá pro canteiro central da marginal, pagar de louca pro Uber. E a sorte do Victor foi que esse Uber parou ali. E não porque alguém dentro do carro falou que queria descer no meio da marginal.

Victor Matioli: Ah, tem uma parte importante depois. Depois que a gente estava no Uber indo embora, eu comecei a conversar com o motorista e com a passageira que estava atrás, e aí o que eu fui entender que o filho dela, o menino que estava com ela, ele tinha esquecido uma pasta de documentos no lugar onde eles estavam. Então o Uber parou ali naquele canteiro central justamente para ajustar a rota e voltar para o lugar onde eles tinham esquecido a pasta de documento. Se ele não tivesse esquecido, o Uber não teria parado no canteiro central e não ia ter me resgatado.

Natália Silva: Eu achei que ele fosse chegar em casa meio bravo com o tempo que tinha perdido ali, ilhado.

Victor Matioli: E eu acabei chegando suado, cansado, mais tarde... enfim, caos completo.

Natália Silva: Mas ele estava radiante.

Victor Matioli: Radiante.

Natália Silva: Radiante.

Victor Matioli: Radiante.

Natália Silva: Como se tivesse nascido de novo.

Victor Matioli: É muito engraçado porque talvez eu tenha ficado ali 01h00, 01h30 preso no canteiro central, mas pareceu uma semana, entendeu?

Natália Silva: Uma semana em que ele pensou em coisas que nunca tinha pensado antes.

Victor Matioli: Depois disso também eu comecei a reparar como a cidade foi muito desenhada ao redor dos carros, e aí tem lugares que... é isso, são inacessíveis, não tem como uma pessoa chegar até ali. Ou se você jogar uma pessoa lá dentro, ela não tem como sair. Ela fica simplesmente presa. E eu lembro que eu estava sentado de frente para a pista local e eu conseguia ver a calçada e as pessoas estavam saindo do trabalho. E passavam, assim, milhares de pessoas pela calçada e elas me olhavam tipo: "Cara, o que você está fazendo aí? Como que você foi parar aí?"

Natália Silva: Mas eu acho que é uma coisa que... eu não vou dizer que qualquer pessoa poderia ter feito...

Victor Matioli: Ah, obrigado (ri).

Natália Silva:...porque é uma situação um pouco específica de você estar no uber com a sua chefe na Marginal Pinheiros expressa, mas foi uma ação muito simples que levou uma coisa, tipo, muito complexa, né?

Victor Matioli: Foi uma decisão tão simples que eu tomei de descer do carro e depois disso eu perdi todo o controle da situação. Dali pra frente deu tudo errado.

Natália Silva: Na jornada do herói clássica – que é um modelo de narrativa descrito por um teórico americano chamado Joseph Campbell – esse é o momento da história em que o Victor – já são e salvo – muda, né? Ele aprende alguma coisa com o que aconteceu. O momento em que ele devia olhar pra trás e dizer: "Poxa, eu podia ter feito isso diferente". Talvez não descer no meio da Marginal Pinheiros no horário de pico? Mas quando eu perguntei pro Victor: "E aí, o que você queria fazer se pudesse voltar atrás?", ele deu uma resposta que talvez você não consiga se identificar com a

situação de tá ilhado na Marginal, mas quase todo mundo já teve um chefe, um colega de trabalho, um cliente, sei lá, tão chato, que tudo o que você queria fazer era sair de perto. Não importa onde fosse. Se o Victor tivesse uma máquina do tempo, um Ctrl+Z da vida, ele só queria poder voltar atrás pra agradecer a pessoa que, na cabeça dele, foi responsável por ele não tá lá no canteiro central da marginal até hoje.

Victor Matioli: Então, assim, eu queria voltar lá e agradecer o moleque que esqueceu os documentos, sei lá onde.

Natália Silva: Não, o bom é que você não falou que queria voltar e não descer do Uber, tipo assim, ficar no Uber com a sua chefe continua não sendo uma opção.

Victor Matioli: É, não. Para mim, essa nunca tinha sido uma opção. Eu preferia qualquer coisa a ficar com ela ali mais meia hora dentro do carro.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

O segundo ato do episódio de hoje é mais uma tentativa de voltar pra casa. Mas, desta vez, as decisões erradas não foram tomadas pelo protagonista. E as consequências são terríveis. Quem conta é o Luiz Ernesto Bretz.

ATO 2

Luiz Ernesto Bretz: Quantas crianças, hoje, nesse mundo hiperconectado em que a gente vive, já tiveram o prazer de soltar uma pipa? Construir a pipa "do zero", com papel, tesoura, cola e umas varetas de bambu; colocar ela no ar. Quando eu era criança, eu soltava pipa praticamente todo dia. Eu chegava da escola, comia e já saía correndo com os outros moleques da minha rua.

A alegria era ver quem subia a pipa mais rápido. Depois quem conseguia mergulhar ela mais rápido e o máximo possível, pra depois subir; ela ia longe e a gente ficava admirando. Mas, olha, antes que comece a parecer saudosista demais isso aqui, uma coisa que eu descobri recentemente é que, não só ainda tem muita gente soltando pipa, como agora existe todo um universo por trás dessa brincadeira.

Aliás, pra muita gente não dá nem pra chamar mais de "brincadeira". Tem até campeonato internacional de empinar pipa.

Junin: Ano que vem eu estou querendo ir para Manaus. Para o Chile já é certo. A França agora a gente só está resolvendo passagem. Eu vou competir na França também. Mas na França a linha deles é totalmente diferente da nossa. A gente costuma usar um fio dez, assim. Exemplo: três fios, que tem a linha. Na França é 46 fios. A linha é igual uma corda.

Luiz Ernesto Bretz: Fio dez. Três fios. 46 fios. Na minha época, a gente chamava de "linha". Era a que a gente conseguisse, e estava bom demais. Outro exemplo desse "universo" é a quantidade de tipos diferentes de pipa.

Junin: No Brasil, acredito que mais de 10 mil pipas diferentes. É muito modelo diferente que eu não conhecia. Cada lugar que eu vou, um modelo diferente, uma pipa, uma melhor do que a outra.

Luiz Ernesto Bretz: A gente não conseguiu confirmar se são mesmo mais de 10 mil tipos, mas uma coisa é certa: são muitos tipos. Cada pipa se adapta a um tipo de ataque. A um tipo de vento. E cada pipeiro escolhe as armas dele com cuidado.

Junin: Tenho feito. O nome da pipa é Charutinho, é Vanda de 55, tem a Come Rato... Várias pipas diferentes. Eu tô me adaptando a cada vez uma diferente. Até achar a ideal para mim. A que eu tenho usado hoje, o nome dela é 'Foguetinho de 52'. É uma das melhores pipas que eu já usei até hoje. Mas eu ainda tô à procura da pipa ideal pra mim, entendeu? Eu não achei ainda. Na hora que eu achar, eu paro de fazer todas as pipas, eu vou fazer só aquela.

Luiz Ernesto Bretz: Bom, acho que já tá na hora de apresentar esse cara que a gente tá ouvindo, né? O nome dele é Roberto de Oliveira Braga Junior. Mas, no universo da pipa, ele é conhecido como Junin. E ele é bastante conhecido nesse universo.

Junin: Assim, São Paulo é muito grande lá. Aí, onde eu fui soltar pipa, deu 15 mil pessoas. Num evento lá. Era só pipa de um metro para cima, só pipa grande. Aí eu falei: "Vou soltar pipa lá". Chega lá, não consegui soltar pipa, que todo mundo me cercava para tirar foto. "Ah, o Júnior tá aí", "Junin de Petrópolis", não sei que lá.

Luiz Ernesto Bretz: O Junin de Petrópolis.

Junin: Eu não consegui soltar pipa, porque eu prefiro dar atenção, porque eu não sei o dia de amanhã. Então vamos dar atenção, vamos brincar um pouco. Hora que der pra soltar pipa, eu solto. Acaba que não solto pipa, fico lá preso.

Luiz Ernesto Bretz: Pro Junin, empinar pipa tem um elemento, digamos, terapêutico.

Junin: A pipa sempre traz tranquilidade, né. Eu esqueço de tudo. Eu tô com a minha pipa ali, pode tá falando do meu lado, eu não vou te dar ideia. Eu tô ali na minha pipa, concentrado. Esqueço de tudo o que eu tô passando, de tudo que a gente vive. Eu vivo o momento ali da pipa, entendeu? Não tem como descrever, sempre é uma coisa... Só quem gosta mesmo que sente essa sensação.

Luiz Ernesto Bretz: Dá tranquilidade, mas não pode perder o foco.

Junin: Em um campeonato, tu tem que ter agilidade, a pipa tem que responder rápido. Tu tem que, em 2 segundos tu tem que decidir um campeonato, fala: "Em 2 segundos eu tenho que virar e fazer isso". Não posso dar mole, deixar ele passar. Então tem que ser uma pipa muito rápida para ela me responder, entendeu?

Luiz Ernesto Bretz: Nos campeonatos de pipa, os pipeiros estão competindo entre si, né? Mas, em última instância, é cada um contra si mesmo. Contra o vento. Ou contra a falta de vento. Cada pipa tem que ficar pelo menos 3 minutos no ar. E a pipa que voar do jeito mais bonito e mais acrobático leva.

Junin: A mesma coisa da estratégia da pipa, eu uso para mim também. Então isso também tem me ajudado muito, tem me ajudado a superar muita coisa. Às vezes eu vejo que está dolorido: "Vamos fazer um corte diferente, vamos pra cá". Eu saio fora daquilo. Mas tem me ajudado muito.

Luiz Ernesto Bretz: O Junin é 30 anos mais novo do que eu. E essa paixão dele pela pipa começou na infância também.

Junin: Eu acho que com 4 anos eu já fazia. Era bem novinho, minha tia fala que eu pulava as varanda, pulava as coisas só pra roubar o bambu do varal dela, só pra fazer pipa. Então todo dia eu saía da escola, tinha que fazer o dever, acabar o dever eu podia ir. Fazia o dever rapidinho, saía correndo, falava: "Vou soltar minha pipa". Esquece eu, só volto de noite. Rapava fora pra rua.

Luiz Ernesto Bretz: Daí ele cresceu e, quando virou pai, ele passou tudo isso pros filhos.

Junin: E eles era já viciado por mim, eles já fazia a deles. Já falei, cada um tem que fazer a sua. Vou ensinar a vocês, vocês têm que fazer, porque eu não sei o dia de amanhã. Ensinei eles a fazer rabiola, pipa, tudo. Já tinha a linha deles, as coisas separado deles e eu as minhas. Ninguém mexia na de ninguém não. Dava briga, dava briga se eu pegasse a pipa deles.

Luiz Ernesto Bretz: Eu conheci o Junin em 2022. A gente mora na mesma cidade, Petrópolis – Junin de Petrópolis –, que fica na serra do Rio de

Janeiro. Talvez você já tenha visitado Petrópolis. Ou talvez você conheça só de nome. E aí tem alguns motivos pra isso.

Um deles é o fato da cidade ter nascido de uma fazenda comprada pelo Dom Pedro I. Depois, o filho dele, o Dom Pedro II, construiu um palácio aqui. Daí a fazenda virou um povoado, que virou uma cidade, e daí vem o nome – Petrópolis, em homenagem aos dom Pedros. Bom, mas esse é um dos motivos pelos quais a cidade é conhecida. O outro é a chuva.

Jornal Nacional: A chuva de terça-feira foi a maior já registrada na cidade em quase 90 anos de medições.

Domingo Espetacular. Voz de homem: Petrópolis, terça-feira, uma cidade invadida pela lama e pelo desespero.

Domingo Espetacular. Voz de mulher: Um rastro de tristeza, insegurança e dor. Cenas que mais parecem ficção.

Domingo Espetacular. Voz de mulher: Eu consegui sair pela janela com meu filho pra ajudar ele. A correnteza me levou. Quase morri.

Luiz Ernesto Bretz: 15 de fevereiro de 2022. Naquela terça-feira, da janela do prédio onde eu moro, eu vi o Rio Piabanha subindo. E essa não é uma cena incomum pra mim que moro aqui. A cidade tem uma topografia peculiar: ela é um vale rodeado de montanhas.

E, apesar de o centrinho de Petrópolis ter sido planejado, o resto da ocupação urbana da cidade foi acontecendo de um jeito desordenado ao longo dos anos – como costuma ser a regra aqui no Brasil. As chuvas já causaram muitas tragédias no município. Tem algumas famosas: a de 1966, a de 1988, a de 2011. Acho que todo morador daqui lembra onde estava em cada uma delas.

E naquela, de 2022 – o ano em que eu conheci o Junin – o rio subiu muito rápido. Era perto das cinco da tarde, que é a hora em que as escolas liberam os alunos. O rio transbordou, e alguns carros começaram a ser empurrados

pela correnteza. E aí o celular começou a apitar com mensagens dos parentes, dos amigos, querendo saber se estava tudo bem... com vídeos encaminhados de cenas de alagamentos, de enxurradas.

Em três horas, choveu quase 300 milímetros. Era o maior volume desde que a medição começou a ser feita, em 1932. Todos os rios transbordaram. Foi que nem despejar num balde a água de uma piscina inteira. Eu fiquei ilhado, mas eu estava seguro em casa. Muita gente não teve a mesma sorte.

Eu trabalho com cinema, tenho zero experiência com primeiros socorros, esse tipo de coisa, mas como quase todo mundo que eu conheço, eu comecei a me mobilizar pra ajudar como eu podia: recolhendo doações, organizando as demandas. Acabei indo parar num lugar que estava centralizando as doações e os voluntários, organizado pela ONG SOS Serra.

Nos primeiros dias, os voluntários trabalhavam principalmente fazendo entrega de mantimentos pras famílias que tinham perdido tudo na chuva. Mas, com o tempo, e com o aumento da demanda, foi chegando mais gente – e doações também de produtos de limpeza, de roupas, de móveis, de eletrodomésticos. Até de enxadas e lanternas, porque os bombeiros que estavam lá não davam conta de escavar todas as ruínas. Era um time grande, disposto e organizado de voluntários que largaram tudo pra ajudar ao longo de dias a fio. E entre eles estava o Junin.

Junin: Peguei a pickup do meu pai, falei: "Me empresta essa pickup aí, pai. Vou lá carregar um negócio lá para eles". Deixou comigo, passei um dia lá ajudando. E eu vi como é bom fazer o bem, é sempre bom, sempre. Eu vi isso, é bom demais.

Luiz Ernesto Bretz: O trabalho no pavilhão era intenso.

Junin: A gente procura sempre ajudar, mas não, a gente não quer nada em troca. Isso é tão bom, é tão gratificante para a gente que a gente já sai renovado quando vai fazendo isso. Acho que isso não tem sentimento maior do que esse, do que fazer o bem. Então a gente sai leve, sai tranquilo, vem tranquilo para casa.

Luiz Ernesto Bretz: Eu e Junin estávamos entre as centenas de pessoas ali no galpão. Mas foi só uns seis meses depois que eu descobri que o Junin tinha vivido todo um outro lado daquela história. Quando ele chegou pela primeira vez na ONG, era ele quem tinha perdido tudo.

Junin: Na verdade, eu sou meio tímido para essas coisas, então fiquei meio sem graça e com vergonha. Na primeira vez que eu fui, eu fui com a minha patroa, doutora Márcia.

Luiz Ernesto Bretz: Além de ser uma celebridade entre os pipeiros, o Junin é caseiro. Doutora Márcia é a dona da casa que ele cuida. Eu falei: "Pô, vamos comigo, eu estou sem graça de ir lá". E ela foi comigo. Quando eu fui lá, eles mandaram para mim a geladeira, um fogão, e uma máquina. Era o que eu precisava. Aí eu vi como funcionava, eu procurei fazer também pelas pessoas. Eu falei: "Pô, eu posso vim ajudar?" Eles deixaram, eu fui lá com o carro. O que fizeram por mim, eu fiz. Tentei ajudar de alguma forma.

O Junin morava na Vila Felipe, um bairro que fica a uns 3 quilômetros do Centro. Mas, na hora da chuva, ele não estava lá. Ele estava trabalhando. E assim que ele se deu conta do tamanho do temporal, ele tomou o rumo de casa.

Junin: Assim, foi uma coisa surreal, que no primeiro dia, até eu chegar lá, foi muito difícil. Enfrentei muita coisa pra chegar lá. Até um conhecido lá... Aí eles me avisaram: "Ó, Fulano, caiu barreira, tem como tu ajudar?"

Luiz Ernesto Bretz: A "barreira" que caiu era um deslizamento de terra.

Junin: Eu fui lá ajudar ele, tirei ele da barreira lá, com o rosto todo machucado... Ele até é pastor de uma igreja. Pastor Sebastião. Os bichos dele fugiram na rua, eu correndo atrás de bicho na rua. E daí em diante foi onde começou tudo. Agora é uma coisa que não tem explicação. Sei que um rapaz do Rio me ligou e falou: "Junin, vá para casa que sua casa caiu".

Aí bateu um desespero. Comecei a ver tudo o que estava acontecendo na cidade. Estava tudo alagado. Eu passei com um carro ali com água no meu colo, estava cheio de água. Eu consegui chegar até na Sargento Boening. Parece que o mundo acabou ali. As casinhas tinham caído tudo. Mais de 20 casas. Tinha um amigo sentado lá: "Júnior, minha mãe tá aí debaixo, me ajuda a tirar ela". Eu falei: "Poxa, Dênis, eu não consigo, tenho que ir pra casa". Ele: "Me ajuda, só tem você aqui". Foi eu tirar a mãe dele. Ela estava com vida ainda. Tirei. E tinha tanta gente pedindo socorro. Mas eu tinha que ir para casa. Falei: "Não, tenho que ir para casa."

Já era umas 10 horas da noite. Eu caí numa barreira que já tinha caído. Eu caí na lama e fiquei com lama até no pescoço. Fiquei duas horas lá sozinho, imaginando como sair daquilo lá. Porque não tinha ninguém e não tinha como pedir socorro. Chamava, ninguém escutava. Ninguém.

Luiz Ernesto Bretz: Duas horas preso na lama.

Junin: Eu fiquei esperando, esperando até que um poste caiu do lado. Agarrei os fios, saí, consegui sair.

Luiz Ernesto Bretz: O Junin saiu e foi andando em direção à própria casa, que ficava mais acima. Mas foi só caminhar mais um pouco que ele viu que outro deslizamento tinha jogado um pai e um filho pra dentro de um buraco.

Junin: Os caras: "Você tem que ajudar, Junin". "Eu não posso, eu tenho que ir para casa". Eles: "Não, ajuda a gente". Eles me deram uma corda, desci lá embaixo no buraco. Tirei o pai, que estava com fratura exposta na perna. Falei: "Olha, vai doer para subir, mas eu vou ter que subir contigo". Busquei o filho, que estava todo machucado. Botei lá. Falei: "Gente, eu tenho que ir para casa."

Luiz Ernesto Bretz: E ele foi.

Junin: Chega na escola da Vila Felipe. Todo mundo falando que a Débora podia tá lá.

Luiz Ernesto Bretz: Débora, a esposa do Junin. As pessoas achavam que ela podia ter ido pegar as crianças na escola.

Junin: Roda escola, roda escola. Nada. Eu fui para casa e vi que realmente tinha acontecido. As casas, acabou tudo. Foi surreal. Ali foi onde nossa vida mudou, que agora acabou tudo. Eram seis pessoas que estavam.

Luiz Ernesto Bretz: Tinha seis pessoas na casa do Junin naquele dia 15 de fevereiro de 2022: a Débora – a mulher, os dois filhos, Bernardo e Pedro; a sogra dele, e um casal de tios.

Junin: E ainda meu cachorro estava junto com eles.

Luiz Ernesto Bretz: Foi só chegar perto da casa – de onde ficava a casa – e o Junin percebeu que não tinha mais o que fazer. A casa estava completamente destruída. Não tinha como ter sobreviventes.

Eu nunca passei por nada assim. Eu não tenho como saber o que o Junin sentiu naquele momento. O que você faz quando o mundo acaba? Quando a água leva tudo o que você ama, mas deixa você ali?

Eu não sei o que eu faria. O que sei é o que o Junin fez. Ele deu meia-volta, e andou até o lugar onde ele trabalhava na época, como caseiro.

Junin: Porque eu estava com lama, não conseguia andar com tanta lama que eu tinha. Falei com a patroa: "Estou chegando, vou tomar um banho, tenho que voltar".

Luiz Ernesto Bretz: Ainda era madrugada quando ele chegou.

Junin: Tomei banho eram umas cinco e vinte da manhã. Eles falaram: "Não tem como voltar, não, está tudo fechado". Falei: "Não, eu consigo

passar". Era 06h20, eu já estava no local de novo. E ninguém passava. Eu sei lá, parece que ali abriu caminho.

Luiz Ernesto Bretz: Ele voltou pra Vila Felipe. Mas não pra casa dele. As casas dos vizinhos tinham sido destruídas também. E tinha muita gente soterrada.

Junin: Miguel, de dez anos, estava nove metros abaixo da terra. Só que a gente estava ouvindo. Eu tive que quebrar uma casa do lado, furar as lajes até encontrar ele lá embaixo. E ele falava para mim: "Meus pais estão aqui." "Seus pais estão aí atrás, eu estou vendo, mas pode ficar comigo que eu não vou te deixar não." E do outro lado essa senhora me pedindo socorro, conheceu minha voz. "Me tira daqui, Júnior." Eu falei: "Não tem como, eu não posso largar o Miguel, ele está sozinho. Ele é uma criança, não pode ficar sozinho." E ela me pedindo "socorro", "socorro". Até que ela veio a óbito. E eu segurando a mão do Miguel, assim... Durante quinze horas ali embaixo, eu e ele, um conversando com o outro. Os pais dele, veio todo mundo a óbito. Pai, mãe e a irmã. E ele ficou lá sozinho. Depois de 15 horas o bombeiro chegou. Aí eles fizeram todo o processo, limpavam em volta. Cortaram a madeira e tiraram ele com a madeira ainda na perna, para depois tirar o prego fora de lá.

Luiz Ernesto Bretz: O Miguel sobreviveu.

Junin: Esse foi o primeiro dia, as quinze primeiras horas. Eu fui 13 dias lá, 23 pessoas que a gente... E a cada um que tirava, eu pegava um papelzinho, anotava o nome no pé e ligava para a mãe, para a família. "Ó, fulano foi encontrado, tá indo para o IML, você tem como ir para lá?"

Luiz Ernesto Bretz: "IML", o Instituto Médico Legal. O Junin ajudou a tirar os corpos de 23 vizinhos que ficaram soterrados.

Junin: Eu não achava que eu tinha essa calma pra passar pra cada familiar, e eu mesmo não aguentava, porque eu sabia que a minha família estava ali. De cada um que achava, ligar para cada família.

Luiz Ernesto Bretz: Por 13 dias, ele ajudou os vizinhos. A esperança era encontrar quem ainda estivesse vivo, como o Miguel. Mas ele estava ali também pra ajudar a recuperar os corpos.

E aqui eu queria fazer um parêntesis importante – porque eu não quero incorrer no erro de, ao valorizar a solidariedade de pessoas como o Junin, esquecer da responsabilidade do poder público. Claro que esse senso de comunidade é importante. Fazer tudo o que tá no nosso alcance, numa emergência, numa tragédia, num acidente, é questão de cidadania. Mas, como eu disse antes, essa não foi nem de longe a primeira tragédia causada pela chuva em Petrópolis. E claro que não foi uma tragédia planejada. Mas não dá pra dizer que ela pegou alguém de surpresa.

A tragédia de 2022 não foi a primeira. Mas ela foi a que matou mais gente. Mais de duzentas e trinta pessoas morreram na cidade. Até hoje, mais de 3 mil famílias que ficaram desabrigadas dependem de um auxílio público pra pagar aluguel, sem nenhuma perspectiva de construção de novas moradias.

Todo mundo sabe que no verão chove. Todo mundo sabe quais são as áreas da cidade que correm risco de deslizamento. Ninguém mora em área de risco porque quer. Tem muita coisa que dá pra ser feita antes da próxima chuva, pro impacto ser menor. A cidade tem que tá preparada pra socorrer na hora desse impacto. Não só os moradores, mas o governo, as forças de segurança. Mas voltando pro Junin.

Junin: Assim, eu não tinha ideia que tinha tanto amigo assim. Eu já conhecia todo mundo, mas eu não tinha ideia da quantidade de pessoas que me conheciam. Foi quando aconteceu tudo. Aí os bombeiros não chegavam. Eu falei que eu precisava de ajuda. No outro dia tinha mais de 300 pipeiros lá, assim.

Luiz Ernesto Bretz: A comunidade da pipa apareceu pra ajudar nos trabalhos.

Junin: Do Rio, de tudo quanto é lugar, só pipeiros e todo mundo falou: “Não, a gente tá contigo, a gente te conhece”. Quando resgatamos

quase todo mundo, faltou só a minha família. Então foi a hora que eu falei: "Não, eu tirei todo mundo daqui, eu não vou deixar minha família". Fiquei aqui até o final, agora era minha família. E foi assim, a hora mais difícil quando achei.

Luiz Ernesto Bretz: Com ajuda dos vizinhos, dos pipeiros, dos voluntários e dos bombeiros – que depois de muitos resgates conseguiram chegar –, o Junin tirou os sete corpos: os dos dois filhos, o da mulher, o da sogra, o do casal de tios e o cachorro.

Junin: Foi uma cena que eu não consigo esquecer nem do início até o final. Assim, eu deito à noite, eu vejo um por um, como estava lá da forma que estava e onde estava. Se eu passar no lugar – como estava fulano, eu conheço todo mundo. Dos 23 lá, eu sei todo mundo como está. Então para mim acho que a pior parte foi isso na minha vida todinha, de ver isso, essa cena. Acho que aí meu mundo acabou de vez, falei: "Desisti de tudo".

Luiz Ernesto Bretz: O Junin foi morar com o pai dele, que morava em outro bairro.

Junin: Não conseguia fazer mais nada... Aí eu falei, falei com o meu pai: "Me dá uma linha velha de costura mesmo, deixa fazer uma pipa pequena para não arrebentar. Vou ali na laje soltar pipa". Aí eu vi que eu fiquei tranquilo com aquilo. Falei com ele: "Ah, vou soltar pipa, vou para tal lugar". Peguei o carro, fui, e eu vi que estava me tranquilizando. Aí eu falei: "Eu vou voltar a fazer isso". Eu vim. Eu comecei a soltar pipa todo dia. Eu falei: "Ah, isso me tranquilizou de verdade, então agora eu vou".

Luiz Ernesto Bretz: Foi nesse período que, depois de receber ajuda da ONG SOS Serra, o Junin decidiu ele mesmo virar voluntário também. E aí ele recebeu uma ligação.

Junin: O pessoal mesmo da pipa me ligou: "Ó, conseguimos uma casa pra tu, tu vai pra lá, já vamos fazer contrato". Falei: "Como assim? Eu

nem sei onde que é, não sei como vai ser". Eles: "Não, fizemos um contrato para você, depois tu vai lá ver se o contrato é isso mesmo. O aluguel é ótimo, tu vai gostar". E eu vim ver, é onde eu precisava. É o coração da pipa aqui, é onde começa tudo. Aqui, todos os bairros de Petrópolis vem para cá soltar pipa.

Luiz Ernesto Bretz: E desde então o Junin tá ainda mais ativo no circuito das pipas, participando de eventos, campeonatos e tudo mais. Quando a gente gravou essa conversa com ele, ele tinha voltado pra Vila Felipe fazia só uns dias.

Junin: Aí levei duzentas pipas para eles distribuir para as crianças lá. Falei: "Pô, tem que continuar a viver, tem que continuar a cultura de vocês". Fui à noite para ninguém me ver. Entreguei, rapei fora. Mas ir lá é difícil. É complicado, pelo menos por enquanto ainda é. Eu sou muito querido no bairro. É muito engraçado isso, mas eu sou bem querido, então todo mundo que me vê entra na frente do carro para parar, para falar comigo. Pergunta como eu estou, como estão as coisas? Mas eu procuro evitar. Procuro ir embora rápido para... É muita pergunta, muita coisa que me machuca. Então procuro sair fora.

Luiz Ernesto Bretz: O Junin criou um perfil no Instagram pra falar sobre pipa, o arroba junin.pipas. Junin é com n de nariz no fim. E ele tá se organizando pra lançar um canal no YouTube também.

Junin: A proposta é brincar, é pipa, brincadeira, é tirar a criançada da rua e chamar para a gente. Tem uma criança que mora aqui perto, que está sempre na rua e eu fiz um acordo com ele, falei: "Vou começar a ver suas notas, ficou boa, tu pode ir lá pra casa soltar pipa, não precisa levar nada. Tudo o que tem em casa tu pode usar: linha pipa, pode ficar à vontade. Só quero saber tuas notas". Ele ia ruim na escola. Hoje a mãe dele veio falar comigo que mudou totalmente a nota. O menino está responsável. Eu falei: "É isso que a gente quer, a gente quer trazer essas crianças para a gente, mostrar que eles podem brincar e ao mesmo tempo podem ser alguém na vida, pode ter um trabalho". E a

gente está tentando resgatar essa criança para a gente, que é para dar um futuro melhor para eles.

Luiz Ernesto Bretz: A arte de soltar pipa é uma arte de controle fino. Desde o tipo de linha, do papel, da espessura dos gravetos de bambu. Da escolha estratégica dos modelos de pipa pro embate. Mas, principalmente, da capacidade de reagir rápido quando o vento vira. Mas tem coisas que fogem do controle.

Junin: À noite é que pega. A noite é complicado. A noite quando eu estou aqui, sento no sofá, começo a mexer no celular e vem essas lembranças. Igual, peguei o celular da esposa, a hora que eu fui olhar, tem tudo gravado lá, tudo, tudo, todas as coisas. Tem foto das crianças. Então... a noite é complicado para mim, procuro dormir logo, tentar dormir, mas quando vou dormir é quatro horas da manhã... cinco... Aí tô eu até 7, só. Tenho conseguido, entendeu? Não tem dormido rápido, mas tenho conseguido.

Luiz Ernesto Bretz: A vida do Junin mergulhou muito rápido, e ele tá tentando subir aos poucos.

Branca Vianna: Esse foi o Luiz Ernesto Bretz. E quem fez a entrevista com o Junin foram os produtores Gustavo Moraes e Letícia Helena, que também colaboraram nessa história. Obrigada por seguir com a gente.

Só tem um jeito do Rádio Novelo Apresenta chegar a mais ouvidos: com a ajuda de vocês, ouvintes. E tem muitos jeitos de vocês apoiarem essa missão nobre: no bom e velho boca-a-boca, insistindo na palavra do podcast com aquele amigo que ainda tá sofrendo desnecessariamente na hora de lavar a louça ou colocando – de maneira autoritária, mesmo – pra tocar no carro quando você tá dirigindo ou só comentando nas redes sociais e na mesa do bar. Vale tudo.

E depois, como recompensa pelo esforço, você pode passear pelo nosso site, onde a gente publica material extra toda semana. Essa semana, tem uma foto do canteiro do desespero do Víctor, e vídeos do Junin mostrando as habilidades pipeiras dele.

Se você gostou desse episódio, conta pra gente lá no nosso Instagram, no @radionovelo. E, se quiser mandar alguma sugestão de história, é só escrever um e-mail pra gente: apresenta@radionovelo.com.br. Lá no site, no menu, tem dicas de como mandar uma história que emplaque.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro, pela Marcella Ramos, e pelo Bruno Lima. A Mariana Leão colaborou na montagem. A sonorização é da Paula Scarpin e da Júlia Matos. Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.